

# Mercado financeiro foi pego de surpresa

ANTÔNIO FÉLIX E JOSÉ FUCS

O mercado financeiro recebeu com surpresa a decretação de três dias de feriado bancário. "Esperávamos um feriado para sexta-feira", disse no início da noite um diretor do Bradesco, enquanto aguardava o início de uma reunião para decidir como seria o trabalho nos próximos dias. Tão logo soube, também no início da noite, dos feriados, o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Léo Wallace Cochrane Jr., comunicou-se com o Banco Central. Sua preocupação era garantir o suprimento de moeda para os caixas automáticos. "Não haverá problema, pois o Banco Central vai funcionar internamente", disse Cochrane.

A surpresa dos banqueiros era explicada, também, pelo fato de que a situação de saques dos fundos de curto prazo e do overnight, observada na segunda-feira, parecia sob controle ontem. "A decisão foi de cautela", analisou Cochrane. "Havia muitos boatos e, portanto, riscos de que a situação saísse de controle." A agitação poderia crescer na medida em que vazasse mais informações a respeito do Plano Collor — como a cobrança de uma taxa de 20% sobre os fundos de curto prazo ao portador. A possibilidade de descontrole aumentou com a notícia, desmentida ontem por vários banqueiros, de que os bancos poderiam, hoje, limitar os depósitos de clientes em conta corrente.

O sinal de alerta de que as coisas não corriam bem no mercado financeiro foi dado na segunda-feira, quando os investidores fizeram pesados saques dos fundos de curto prazo e do overnight para depósitos em conta corrente. Alguns nem deixaram o dinheiro depositado: levaram uma infinidade de notas para casa. Os saques foram grandes porque já havia fortes suspeitas de que o Plano Collor iria de alguma forma taxar pesadamente as aplicações de curto prazo, em especial os fundos ao portador. Os

fundos, em apenas oito dias de março, perderam NCz\$ 41,5 bilhões.

Enquanto esse dinheiro todo saía dos fundos, ou mesmo do over, como aconteceu com maior intensidade na segunda-feira, e ia para outros tipos de aplicação, não havia grandes problemas. A situação começou a assustar os banqueiros quando as pessoas passaram a sacar para deixar o dinheiro na conta corrente ou, até mesmo, em casa. A preocupação era tanta que, na segunda-feira, o presidente da Febraban foi a Brasília. Queria combinar, com o Banco Central, um esquema para que os bancos fos-

*Houve muita confusão, mas o dia acabou sem desastres*

sem abastecidos com papel-moeda em volume suficiente para atender grandes saques. Os bancos queriam, ainda, um tratamento diferenciado em relação ao recolhimento compulsório sobre os depósitos a vista, inflados de uma forma considerada atípica. Na verdade, os bancos não queriam um aumento de depósitos por um período muito curto. Se, logo depois da posse do presidente, as pessoas corressem para tirar o dinheiro da conta corrente, os bancos teriam de recolher um compulsório maior sobre depósitos que, então, já seriam muito menores.

A confusão toda fez com que uma limitação de depósitos a vista, como foi noticiada ontem pelo Jornal do Brasil tivesse algum sentido. Durante todo o dia, porém, os banqueiros insistiram no desmentido. Mas todos respiraram com alívio ao ver que, ao final das contas, o dia terminaria sem nenhum desastre. "Houve muito alarde para pouca coisa relevante", afirmou George Lipstein, vice-presidente do Banco Nacional. As ameaças de saques resultaram apenas, segundo ele, em consultas para emissão de cheques administrativos — os substitutos para as notas nos saques.



Fernando Arellano/AE-28/11/89

Cochrane: contatos com o BC para garantir dinheiro